



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA

CAROLINA MOREIRA MENEGALI

**OS ESPAÇOS DE LEITURA/BIBLIOTECAS COMO ARENAS DE LUTAS, PODER E
RESISTÊNCIA**

CHAPECÓ
2024

CAROLINA MOREIRA MENEGALI

**OS ESPAÇOS DE LEITURA/BIBLIOTECAS COMO ARENAS DE LUTAS, PODER E
RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Caracelli Scherma

CHAPECÓ

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Menegali, Carolina Moreira

OS ESPAÇOS DE LEITURA/BIBLIOTECAS COMO ARENAS DE
LUTAS, PODER E RESISTÊNCIA / Carolina Moreira Menegali.
-- 2024.

34 f.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Caracelli Scherma

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Chapecó, SC, 2024.

1. esfera das artes. 2. bibliotecas. 3. salas de
leituras. 4. discurso. I. Scherma, Camila Caracelli,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

CAROLINA MOREIRA MENEGALI

**OS ESPAÇOS DE LEITURA/BIBLIOTECAS COMO ARENAS DE LUTA, PODER E
RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de pedagoga.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 11/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CAMILA CARACELLI SCHERMA**
Data: 15/07/2024 14:39:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Camila Caracelli Scherma – UFFS
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **MANUELA PIRES WEISSBOCK ECKSTEIN**
Data: 15/07/2024 12:31:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Manuela Pires Weissbock Eckstein – UFFS
Avaliadora

Profa. Ma. Tânia Mara Machado Thomé –

Documento assinado digitalmente
 **TANIA MARA MACHADO THOME**
Data: 13/07/2024 17:27:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a realização desta pesquisa.

Aos meus familiares, que estiveram comigo neste caminho: à minha mãe, Rosimara, à minha avó, Juju, e à minha tia Verônica, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram nessa jornada. Sem vocês, nada disso seria possível.

À minha orientadora, Camila Caracelli Scherma, pela orientação, por sua paciência e por acreditar no meu potencial, me incentivar a nunca desistir. Suas valiosas sugestões e conselhos foram de suma importância para a concretização desta pesquisa e para meu crescimento pessoal. Lembrarei para sempre de suas aulas e leituras maravilhosas, onde descobri as maravilhas da literatura brasileira, meu muito obrigado.

Também não posso deixar de agradecer às minhas colegas e amigas Luziana e Jéssica pelas trocas de ideias, pelo apoio e pela companhia, que fez desta jornada muito mais prazerosa e uma experiência enriquecedora.

Agradeço também à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), que me forneceu recursos para a realização desta pesquisa e agradeço à biblioteca e aos bibliotecários, que sempre estiveram dispostos a ajudar na busca de novas fontes.

Finalmente, agradeço a todas as professoras que encontrei nesta minha caminhada no curso de Pedagogia, foram vocês que compartilharam seus conhecimentos e me inspiraram a seguir em frente. Cada uma de vocês deixou uma marca importante na minha formação acadêmica e pessoal, pois não sou a mesma aluna que ingressou na universidade em 2018.

A todos vocês, meu mais profundo agradecimento.

RESUMO

Do entendimento que literatura também pode ser uma porta de entrada para compreendermos a vida, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como a literatura e o cinema refletem e refratam espaços de leitura/bibliotecas como arenas de lutas, poder e resistência. Para isso, estruturamos os nossos objetivos específicos em: a) Compreender como a linguagem literária e a cinematográfica retratam espaços de leitura/literatura; b) Investigar os espaços de leitura como frestas libertárias, de resistência e arenas de lutas e poder; e c) Como as obras literárias e cinematográficas aqui estudadas nos ajudam a compreender os elementos de poder, de disputa de resistência. Para a elaboração dessas propostas, utilizamos três obras literárias e suas representações cinematográficas. Para analisarmos os dados, nos fundamentamos nas obras de Mikhail Bakhtin e do Círculo Bakhtiniano, assim como também dos autores Regina Dalcastagnè, João Wanderley Geraldi, Augusto Ponzio, Luiz Milanese, entre outros. O estudo permitiu identificar situações nas obras literárias e cinematográficas em que forças dominantes controlam esses espaços, mas também são lugares de resistências, espaços de esperança de persistência, de socialização, onde novas ideias podem germinar e se espalhar.

Palavras-chave: bibliotecas; salas de leituras; discurso; esfera das artes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Biblioteca criada por coletores de lixo na Turquia	9
Figura 2 – <i>O nome da rosa</i>	18
Figura 3 – <i>O nome da rosa</i>	19
Figura 4 – <i>Anne com E</i>	20
Figura 5 – <i>Anne com E</i>	20
Figura 6 – <i>O menino que descobriu o vento</i>	21

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	EXPLORANDO OS ESPAÇOS DE LEITURA UTILIZANDO A LINGUAGEM LITERÁRIA E CINEMATOGRAFICA	14
2.1	EXPLORANDO OS ESPAÇOS DE LEITURA UTILIZANDO A LINGUAGEM LITERÁRIA: A ARTE DAS PALAVRAS	14
2.2	LUZ, CÂMERA, AÇÃO: EXPLORANDO OS ESPAÇOS DE LEITURA UTILIZANDO A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA.....	18
3	ESPAÇOS DE LEITURA: ENTRE FRESTAS LIBERTÁRIAS E ARENAS DE PODER	23
4	ESPAÇOS DE PODER, DE LUTAS E RESISTÊNCIA	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas deviam ser declaradas da família dos aeroportos, porque são lugares de partir e de chegar. [...] O leitor muda para o outro lado do mundo ou para outro mundo, do avesso da realidade até ao avesso do tempo. Fora de tudo, fora da biblioteca. As bibliotecas não se importam que os leitores se sintam fora das bibliotecas. (MÃE, 2015, p. 149).

No decorrer deste texto, elaborei perspectivas acerca do espaço de leitura/biblioteca como um lugar de disputa e mesmo de resistência. A escolha do tema tem relação direta com a importância que a biblioteca teve na minha formação escolar. Ela sempre foi um espaço muito estimado, com livros repletos de conhecimentos, histórias e fantasias que me levaram para vários lugares do mundo, e para outros mundos sem nunca sair do lugar. Desde muito nova, a biblioteca foi meu lugar seguro, onde viajava através dos livros com suas histórias fantásticas.

Chegou um ponto em que a biblioteca da escola que frequentava não tinha mais livros suficientes para minha curiosidade, e da adolescência eu fui em busca de mais e encontrei esse lugar na biblioteca pública municipal de Parobé/RS (onde morei e cresci antes de vir estudar em Chapecó/SC). Por mais que a biblioteca fosse pequena, para mim, era como um novo território para ser desbravado com diversos livros para serem lidos. E durante algum tempo, ela foi meu lugar favorito, ia toda a semana encontrar novos livros, desenvolvi uma relação de amizade e confiança com as bibliotecárias e foram muitos momentos felizes que passei ali, e desenvolvi minha confiança e autonomia naquele espaço.

Ao longo da minha formação escolar, fui percebendo o quão desvalorizada a biblioteca era no geral, de como a maioria dos meus colegas via a biblioteca/hora da leitura como algo enfadonho ou como forma de ‘castigo’. E a compreensão disso só começou a ganhar sentido na universidade, com a leitura de muitos pensadores, com discussões em sala de aula com professores e colegas. Por isso, meu tema de pesquisa não poderia ser outro além de discutir sobre a biblioteca, porque esse lugar é (ou deveria ser) importantíssimo na formação escolar das crianças, digno de valorização e compreensão e de resistência; devemos ocupar esses espaços dentro ou fora da escola.

No que diz respeito à condição oficial do espaço da biblioteca escolar, a Lei Federal n. 12.244, de 24 de maio de 2010, dispõe sobre a universalização de bibliotecas escolares. Para Dagoberto Buim Arena (2011, p. 11):

Se a legislação federal determina a criação de espaços com o nome de bibliotecas nas escolas do país, os desafios do magistério nessa área não se limitam à disponibilidade de um espaço adequado e de um bibliotecário; os desafios são, sobretudo, aqueles relacionados à oxigenação dos conceitos de leitura, de ensinar e de aprender a ler.

Desse modo, considerando que um dos desafios postos para os lugares de leitura/bibliotecas é a oxigenação do próprio ato de ler, dialogo com as palavras da pesquisadora Maria Helena Martins (2004, p. 34), que relata que

[...] não poderemos encarar a leitura senão como instrumento de poder, dominação dos que sabem ler e escrever sobre os analfabetos ou iletrados. Essa realidade precisa ser alterada. [...] Importa, antes, começarmos a ver a leitura como instrumento libertador e possível de ser usufruído por todos, não apenas pelos letrados.

Em 2022, um grupo de coletores de lixo de Ancara, capital da Turquia, criou uma biblioteca de acesso ao público com os livros que eles recolheram do lixo. Hoje, a biblioteca também recebe doações de moradores e apoio da prefeitura.

Figura 1 – Biblioteca criada por coletores de lixo na Turquia



Fonte: Fundação Verde (2022).

Ao ver essa biblioteca – que já aparece organizada, limpa, sendo utilizada (Figura 1) – impossível não pensar no seu processo de construção. Esses homens, trabalhadores, coletores de lixo, no seu cotidiano, certamente, muitas vezes embrutecedor, como é o cotidiano de muitos trabalhadores, numa bela terça-feira às três horas da tarde (para lembrar uma brincadeira feita por Paulo Freire ao se referir à formação de professores), encontrou um livro, ou talvez um conjunto de livros, e resolveu levar para a base desses trabalhadores, para o local onde eles certamente trocam de roupas ao chegar e ao sair do trabalho, onde batem ponto, comprovando sua presença no trabalho naquela data, onde fazem suas refeições. Enfim, tudo isso foram coisas

imaginadas por mim, porque não estão escritas na legenda. E, agora, depois de um tempo, que também não sabemos quanto, esse lugar se tornou, além de todas as outras funções que ele já continha, uma biblioteca/um espaço de leitura. Isso me faz questionar: que poderes têm os livros? Por que alguém, no exercício de uma função tão distante das “letras”, resolve recolher livros e, posteriormente, organizá-los em seu local de trabalho?

E mais: se formos por esse caminho, podemos ainda cotejar com o que fazia a autora brasileira Carolina Maria de Jesus. No livro *Carolina: Carolina Maria de Jesus*¹, de Orlando Nilha, o autor nos lembra que, num período bastante difícil de sua vida, Carolina – já mãe solo de três crianças – trabalhava como catadora de papel para sobreviver. No exercício dessa profissão: “Andava o dia inteiro pelas ruas de São Paulo juntando todo tipo de papel que encontrava. Se encontrasse algo que pudesse ser lido, como pedaços de livros, revistas ou jornais, levava para casa para ler antes de dormir” (Nilha, 2019, p. 16). E, ainda: “Em 1995, começou a registrar o dia a dia da favela em papéis que encontrava no lixo. [...] Aquele universo de tristeza, desesperança, violência e preconceito ganhava uma nova expressão por meio de sua sensibilidade” (Nilha, 2019, p. 21).

Essa aproximação que fazemos aqui dos catadores de lixo da Turquia na contemporaneidade, com Carolina Maria de Jesus, na década de 1950, certamente que tem suas diferenças. Primeiramente, uma questão de cronotopia (de lugar e de tempo em que cada um se encontra). Mas o que mais queremos levantar aqui é que Carolina agia de maneira completamente solitária: uma mulher, negra, mãe solo de três filhos, moradora de favela no Brasil na década de 1950. E poderíamos ainda levantar muitos outros pontos. Porém, ela encontrava materiais para tentar satisfazer sua sede de leitura da palavra e de mundo no lixo também. E ela foi mais longe, posto que, além de se colocar à escuta das palavras que ela encontrava no lixo, também tinha uma grande energia para dizer a sua própria palavra sobre as coisas, e o material do lixo lhe foi útil para que pudesse escrever o que ela tinha a dizer e a registrar sobre o cotidiano na favela no Canindé.

Para além desses dois exemplos que trouxemos para reflexão, queremos afirmar que bibliotecas ficam no centro de disputas de poder, e no decorrer dos séculos elas sempre estiveram no meio delas. Podemos lembrar que na Idade Média, por exemplo, as bibliotecas e salas de leituras eram propriedades do clero e que apenas alguns clérigos específicos tinham

¹ Esse livro faz parte da Coleção BLACK POWER, um conjunto que apresenta a trajetória de personalidades negras, com textos simples e belíssimas ilustrações. Voltada aos “pequenos leitores”, é uma coleção que se preocupa realmente com os fatos sociais e históricos envolvidos no texto. Essa coleção foi publicada pela editora Mostarda.

acesso aos livros e ao conhecimento. Nesse período, nos mosteiros, existiam as bibliotecas, no entanto, o acesso a esses espaços era bastante difícil, principalmente no que se diz respeito à sua localização: dentro do mosteiro (um local geralmente frequentado apenas por líderes religiosos, o povo não tinha o privilégio de frequentar). Os grandes líderes religiosos daquela época procuravam constantemente guardar o conhecimento. Nessas bibliotecas, encontrava-se a produção intelectual do período medieval (Sousa, 2017, p. 14).

E como os livros eram extremamente de difícil acesso, somente alguns grupos sociais poderiam usufruir de toda produção científica e literária existente, guardada “a sete chaves”. Com o passar do tempo, essa relação foi mudando, mas mesmo assim ainda demorou para que as mulheres, por exemplo, pudessem ter acesso a esses lugares. Podemos ver que foi uma trajetória muito lenta e mesmo nos dias de hoje ainda podemos perceber que os espaços de leitura e/ou bibliotecas ainda não são abrangentes e alguns grupos minoritários ainda não têm acesso a esses lugares.

Conforme Milanesi (2013, p. 37): “Não basta, pois, ser alfabetizado e ter vontade de ler. É preciso que existam livros, revistas e jornais para que sejam lidos”. Por isso, são necessárias políticas públicas que oportunizem a essas pessoas o acesso a esses materiais para que eles consigam ganhar autonomia intelectual.

Em minha caminhada como leitora, encontrei vários livros que tinham os espaços de leitura e/ou bibliotecas sendo retratados. Esses escritos me instigam a compreender de forma mais aprofundada as relações que se dão nesses lugares, as possibilidades que eles proporcionam, as disputas envolvidas ali, as frestas libertárias que esses espaços nos apresentam como potência.

Existe uma longa lista de livros que retratam as salas de leitura e/ou bibliotecas e que demonstram a importância que esses espaços têm na sociedade, seja queimando os livros como na distopia – como em *Fahrenheit 451*, do escritor Ray Bradbury, em que ele descreve um mundo no qual a literatura é estritamente proibida, em que todo e qualquer livro deve ser queimado, pois são objetos perigosíssimos. Outro livro que retrata muito bem isso é *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak. Com essa mesma temática, outro livro que retrata bem o que se passava nos campos de concentração e como os livros foram o refúgio para algumas crianças judias é *A Bibliotecária de Auschwitz*, de Antonio G. Iturbe. E também temos uma distopia nacional, *Ninguém nasce herói*, do escritor Eric Novello, em que retrata um Brasil onde os governantes são autoritários e desprezam as minorias e, em contrapartida, há esse pequeno grupo de pessoas que tentam ir contra o sistema e vão às ruas dar livros considerados subversivos pelo governo.

A partir daí, e compreendendo que a literatura também pode ser uma porta de entrada para compreendermos a vida, uma vez que a leitura de literatura não deve ser vista apenas como formas de exercício acadêmico, mas como uma prática que enriquece a vida e a mente dos indivíduos, permitindo que eles se conectem com diferentes realidades e ampliem seus horizontes (Silva *et al.*, 2024), decidi construir um percurso de pesquisa que me ajudasse a alargar os horizontes de possibilidades de relações nos espaços de leitura e/ou bibliotecas.

Para tanto, como conjunto de dados, escolhemos trabalhar com obras literárias que retratam esses lugares em suas narrativas para podermos construir um percurso de leitura que nos amplie as compreensões desses espaços e suas relações. Selecionamos obras que também tivessem sido retratadas na esfera cinematográfica, em filmes e séries.

O primeiro livro a ser escolhido foi *O nome da rosa*, do escritor Umberto Eco. O livro foi publicado em 1980, um clássico da literatura que vendeu mais de 500 mil cópias em poucos meses e já foi traduzido para 43 idiomas. Também ganhou prêmios de literatura na Itália. O filme com o mesmo nome teve sua estreia em 1986 e continha em seu elenco grandes nomes da atuação. Umberto Eco, um grande estudioso e professor universitário, havia lecionado em universidades conhecidas, como Harvard, Yale, Collège de France, etc. (Salvá, 2021).

O segundo livro escolhido foi *Anne de Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery, com publicação em 1908, um clássico da literatura do Canadá, tendo vendido mais de 50 milhões de cópias no mundo e traduzido para mais de 20 idiomas (Excelsior, 2020). E já teve adaptações para o teatro, musical, filme e mais recentemente para uma adaptação para série (2017), que ajudou para o maior alcance na obra; a série também ganhou 23 prêmios. Uma curiosidade é que a primeira publicação desse livro no Brasil ocorreu em 1939, localizado em uma coleção de livros com o nome de Biblioteca de Moças, que trazia dicas de livros que deveriam ajudar nos “bons costumes” das jovens (Ramallete; Sten, 2018). Outro fator na decisão de escolha da obra foi a autora ser uma mulher que vivenciou uma época em que as mulheres não tinham quase direito e como ela mostra esse lado da realidade em seu livro.

O terceiro recorte que iremos utilizar será do livro *O menino que descobriu o vento*, uma biografia escrita por William Kamkwamba com o jornalista Bryan Mealer em 2011. Algumas universidades americanas passaram a utilizar o livro do Kamkwamba como referência bibliográfica e em 2013 a revista Time o nomeou uma das 30 pessoas antes dos 30 que mudaram o mundo. O filme com mesmo nome estreou em 2019, que surpreendeu e emocionou o público com sua história (Raveli, 2021).

A escolha dos livros se deve porque os três se passaram em períodos de tempos e lugares diferentes, assim como seus protagonistas são bem distintos, um em que as bibliotecas ficavam

em poder dos mosteiros por volta de 1300 na Europa, o segundo livro se passando no início do século XX no Canadá, com o protagonista sendo uma menina de 11 anos, e o terceiro no qual a história se passa no início dos anos 2000 no Malauí, um país da África, sendo o protagonista um menino negro de uma pequena vila onde os moradores estão passando por uma grande crise econômica.

Sendo assim, podemos observar que as salas de leitura e/ou bibliotecas estão envolvidas em disputas de poder ao longo dos anos e assim como também é resistência. Podemos contemplar essas questões na literatura e nas obras cinematográficas e analisar esses dados para compreender melhor esses espaços.

2 EXPLORANDO OS ESPAÇOS DE LEITURA UTILIZANDO A LINGUAGEM LITERÁRIA E CINEMATOGRAFICA

Neste capítulo, procuro construir compreensões acerca da materialidade sócio-histórica do signo espaços de leituras, dialogando, principalmente, com a obra literária de Umberto Eco, *O nome da rosa* (2022), e sua versão em filme de 1986, que tem o mesmo nome do livro. Outra obra a ser utilizada será *Anne de Green Gables*, da Lucy Maud Montgomery (2021), e sua versão cinematográfica em forma de série que ocorreu de 2017 a 2019). Ainda, o livro *O menino que descobriu o vento*, de William Kamkwamba e Bryan Mealer (2021), e seu filme de mesmo nome.

Minha pesquisa foi mais a fundo sobre os espaços de leituras em obras literárias e em filmes e séries cinematográficas, e pude perceber que, seja na literatura, seja nas telas, essas obras com linguagens diferentes carregam consigo significados diferentes e multifacetados. Isso porque, para representar esses espaços, vai muito além de apenas descrever esses locais físicos, envolve criar uma atmosfera que nos evoca emoções, reflexão e uma conexão com o ato de ler. Para desenvolver a segunda questão desta pesquisa, fiz leitura de algumas obras de Mikhail Bakhtin, Augusto Ponzio, João Wanderley Geraldi, Regina Dalcastagnè, dentre outros. Essas leituras me ajudam pela busca de compreensão a respeito das conexões entre cinema e literatura, assim como arte e a vida, e as considerações que a literatura e cinema oferecem em relação à realidade.

2.1 EXPLORANDO OS ESPAÇOS DE LEITURA UTILIZANDO A LINGUAGEM LITERÁRIA: A ARTE DAS PALAVRAS

A representação de espaços de leitura tem sido amplamente discutida na literatura. O livro *O nome da Rosa* se passa no século XIV, durante o final da Idade Média. A história se passa em um mosteiro onde ocorreram mortes misteriosas envolvendo a biblioteca. Os principais personagens que investigam esses crimes são o monge Baskerville e o noviço Melk, portanto, a biblioteca do mosteiro se torna o tema central da obra, envolta de mistérios e perigos. A seguir um trecho de como um dos personagens descreve a biblioteca naquele período.

Só o bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, só ele é responsável pela sua conservação. Os demais monges trabalham no scriptorium e podem conhecer o catálogo dos volumes que a biblioteca encerra. Mas um elenco de títulos sempre diz muito pouco, só o bibliotecário sabe da posição do volume, do grau de sua inacessibilidade, que tipo de segredo, de verdade ou de mentira o volume encerra. (Eco, 2022, p. 70).

Mesmo sendo um livro de ficção, Eco nos levou a um mosteiro e nos mostrou os mistérios que envolviam a biblioteca e da importância que ela tinha e como deveria ser protegida, não só para preservar os livros raros, mas para “proteger” as pessoas do conhecimentos que certos livros continham, e assim conseguimos imaginar como era vida das pessoas que ali viviam e a importância que a biblioteca tinha no monastério.

O livro *Anne de Green Gables*, que é uma obra infanto-juvenil, acompanhava a vida de uma menina de 11 anos, ruiva e órfã, que, por engano, é enviada do orfanato para a casa dos irmãos Cuthbert. Escrito pela canadense Lucy Maud Montgomery, mas conhecida como L.M. Montgomery, essa uma escritora que nasceu em 1874 em Prince Edward Island, no Canadá. Ela foi uma escritora muito diversificada, escrevendo contos, livros, ensaios, romances e diversos poemas. Mesmo nascendo e crescendo no final de 1800, Montgomery levanta assuntos importantes em seu livro e até hoje, mais de cem anos depois, continuamos debatendo.

A outra obra a ser apresentada é *O menino que descobriu o vento*, que, como relatado anteriormente, foi escrita por William Kamkwamba com colaboração do escritor Bryan Mealer. O livro, diferentemente de *Anne de Green Gables*, conta a história vivida pelo próprio William, em que ele nos conta sobre uma época muito difícil na sua vida: sua pequena aldeia em Malawi passou por uma severa seca e, conseqüentemente, o vilarejo começou a passar fome e, mesmo através da diversidade, ele encontrou uma solução nos livros na pequena biblioteca na escola de sua aldeia.

Mas por que falar sobre isso? Porque temos que entender em qual tempo-espço que Montgomery e Kamkwamba estavam escrevendo para compreender o que os influenciava. Isso porque temos uma distância de mais de cem anos de uma história para a outra, que se passam em continentes diferentes e mesmo assim percebemos que algumas disputas com relação às bibliotecas/salas de leituras ainda continuam. Portanto,

[...] a criação estética ou de pesquisa implica sempre um movimento duplo: o de tentar enxergar com os olhos do outro e o de retornar à sua exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar: sua posição singular e única num dado contexto e os valores que ali afirma (Amorim, 2006, p. 102).

Sendo assim, no contexto que Lucy escrevia no Canadá no fim do século XIX, tudo o que estava acontecendo naquela época pode ter influência na sua escrita, como a cultura e suas vivências. Para Bakhtin (2015, p. 28), saber as influências que foram exercidas sobre os escritores é saber a “possibilidade de afirmação volitivo-emocional da minha imagem a partir do outro e para o outro”.

Entrando no universo criado por Montgomery, temos a primeira passagem onde as personagens criam o clube do livro e seu próprio espaço de leitura.

Não entendo como você pode inventar coisas tão emocionantes assim da própria cabeça, Anne. Queria que minha imaginação fosse tão boa quanto a sua.
 – Ela seria se você ao mesmo a cultivasse. – disse Anne com alegria.
 – Acabei de pensar em um plano, Diana. Nós podemos fazer um clube de contos só nosso e escrever histórias para praticar. Eu ajudarei até que você consiga escrever sozinha as suas histórias. Você deveria cultivar a sua imaginação, sabe.
 [...] E foi assim que o clube dos contos passou a existir. (Montgomery, 2021, p. 239).

Neste trecho fica implícito para o leitor que a imaginação, a criatividade, não era algo a ser ‘cultivado’, pois as meninas não deveriam se preocupar com esse tipo de coisas, pois para elas era relegado ao cuidado do lar. Isso em um pequeno vilarejo em uma ilha no Canadá no final de 1800, em que o acesso à escola e livros era difícil. Agora, já no século XXI, se imagina que o acesso a escolas e livros tenha mudado. Porém, vamos ler a seguir o relato de Kamkwamba sobre seu primeiro contato com a biblioteca: “Então me lembrei de que uma pequena biblioteca tinha sido inaugurada no ano anterior na escola primária de Wimbe [...] todos os livros foram doados pelo governo americano” (Kamkwamba; Mealer, 2021, p. 95).

Podemos perceber que os anos podem ter passado e melhorado o acesso aos livros e bibliotecas/salas de leituras, mas, para aquele pequeno vilarejo de um país africano, a biblioteca demorou para chegar e quem tinha acesso eram professores ou os alunos da escola (escola particular, então quem tinha acesso a ela era apenas quem pagava as mensalidades).

Ainda falando da obra de Kamkwamba e Mealer (2021), eles descrevem como era essa pequena biblioteca.

A sra. Sikelo abriu uma cortina, revelando três enormes prateleiras que quase chegavam ao teto e estavam cheias de livros. O ar tinha um aroma doce e mofado, que daquele dia em diante passei a achar reconfortante. [...] Vi livros de história, e de crianças, e até de romances para uma leitura mais prazerosa. [...] Naquela manhã, passei horas sentado no chão, folheando livros e admirando fotos. Pela primeira vez na vida, tive a sensação de escapar sem ir a lugar nenhum. (Kamkwamba; Mealer, 2021, p. 96).

No trecho citado, temos uma breve descrição de como era o espaço físico da biblioteca, mas também conseguimos perceber como a biblioteca e o acesso aos livros foi algo que mudou a visão que William tinha até aquele momento. Podemos imaginar o que ele estava sentindo, sendo ‘sugado’ para dentro dos livros, se perdendo entre páginas e indo a lugares que nunca imaginou sem precisar sair da biblioteca. Ter acesso àquele lugar lhe permitiu acesso a conhecimentos até então inimagináveis e que iriam mudar não apenas a sua vida, mas de toda a sua aldeia.

Diferentemente de William, na estória *O nome da rosa*, de Eco (2022), que se passa em 1300, a biblioteca era algo sagrado, até mesmo profano e perigoso, e observamos este aspecto quando um dos personagens explica que:

Eis, aí, pensei, as razões do silêncio e da escuridão que circundam a biblioteca, ela é reserva de saber, mas só poderá manter esse saber intacto se impedir que ele chegue a qualquer um, até aos próprios monges. O saber não é como a moeda, que se permanece fisicamente íntegra mesmo através das mais infames barganhas: ele é como uma linda roupa, que se consome através do uso e da ostentação. (Eco, 2022, p. 221).

O trecho exemplifica como era o pensamento dos monges, e que o conhecimento que lá estava deveria permanecer intacto, e nem mesmo chegar aos monges, que manuseiam esses livros, e que o ‘saber’ iria se deteriorar com o tempo. A biblioteca era naquela época um lugar de extrema importância, mas guardava segredos no interior dos livros.

Com isso, utilizando as três obras literárias conseguimos observar como o conhecimento e o acesso a esses espaços de leituras e/ou bibliotecas eram percebidos em três épocas e continentes distintos. Em *O nome da rosa*, o acesso aos livros e a biblioteca era algo extremamente raro. Em *Anne*, discernimos à uma questão de gênero, por ela ser uma menina, o conhecimento e acesso a ele se torna delimitado, porque a sociedade naquela época não incentivava as meninas a estudarem, pois sua principal função seria a de ser dona de casa. Tanto que o espaço de leitura que ela frequentava foi criado por ela mesma, não era uma biblioteca “oficial”, era um lugar secreto, nem a família, nem a escola podiam saber daquele espaço, e assim que ele foi descoberto por pessoas fora do círculo de amigas convidadas por Anne para frequentá-lo, queimado e destruído.

Na vida de William, mesmo já estando no século XXI, ainda se perdura a dificuldade do acesso ao conhecimento e a biblioteca. Nesse caso, temos as questões sociais implicadas aqui. Primeiramente, mesmo tendo acesso aos livros, eram obras doadas pelo governo estadunidense, o que já filtra o próprio conteúdo que será acessado pelos usuários. Ainda assim, com essas ressalvas, e justamente por conta delas, podemos perceber que ao longo dos séculos

esses lugares estão em disputas, seja por medo como na Idade Média, quando a igreja tinha poder sobre eles, seja no século XX por uma questão de gênero, ou no século XXI por ser um pequeno país da África que sofreu anos com a colonização. E mesmo ocorrendo essas disputas, que dificultam o acesso a esses lugares, encontramos resistências e frestas libertárias em todos esses espaços, já que, em todos eles, os personagens são movidos para irem adiante, para continuarem, para resistirem e para fazerem florescer a potência fecundada pelos livros e pela leitura.

2.2 LUZ, CÂMERA, AÇÃO: EXPLORANDO OS ESPAÇOS DE LEITURA UTILIZANDO A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Neste capítulo, iremos focar nas obras cinematográficas e em como elas representam as salas de leituras e/ou bibliotecas. Começando pelo filme *O nome da rosa*, de 1986, dirigido por Jean-Jacques Annaud. Nele, o filme acompanha as dificuldades que o monge Baskerville e o noviço Melk tiveram para conseguir acessar a biblioteca do mosteiro, para resolver as mortes que envolvem a biblioteca como o principal palco dos crimes.

Figura 2 – *O nome da rosa*



Fonte: *O nome da rosa* (1986, 00:54:43).

A imagem acima mostra como eles foram parados e impedidos de entrar. A cena tem o bibliotecário na frente na porta segurando um lampião e proibindo a entrada dos dois monges na biblioteca. Na primeira tentativa deles de entrar na biblioteca para investigar as mortes que aconteceram nos mosteiros e que envolviam a biblioteca, foram barrados pelo bibliotecário, que não permitia que ninguém fosse até a biblioteca a não ser ele. Certamente, nessa obra cinematográfica e nessa cena, há o contexto das mortes, que gera um impedimento a mais para a entrada e acesso ao espaço da biblioteca. Contudo, penso que esta possa ser uma construção

simbólica de que aqueles que tentam adentrar o local sem permissão perdem, inclusive, a vida. E a cena anterior mostra que o acesso é estritamente controlado pelo abade e o bibliotecário, representando o poder que essas figuras têm sobre esse espaço tão exclusivo, no sentido de que exclui todo aquele que nele tenta adentrar sem a devida autorização e, conseqüentemente, nos mostra também o poder e o controle das figuras do abade e do bibliotecário sobre o conhecimento. Muitos livros são considerados perigosos e apenas algumas pessoas têm permissão para entrar. Me pergunto se os livros é que são perigosos ou o acesso ao conhecimento que eles permitem é que representam perigo, uma vez que poderiam representar também a autonomia intelectual dos sujeitos. Este controle mostra como o conhecimento pode ser usado como poder e controle, limitando o acesso à informação para manter a autoridade.

Figura 3 – *O nome da rosa*



Fonte: *O nome da rosa* (1986, 01:10:27 - 01:10:49).

A Figura 3 mostra o momento que eles finalmente conseguem entrar escondidos na biblioteca, que é cheia de salas, com inúmeros livros, alguns parecem estar presos a mesas ou às paredes; monge e noviço ficam incrédulos com o tamanho daquele lugar. O noviço tem certo temor em tocar os livros, pois, como foi educado durante anos que alguns livros que ali estavam eram perigosos, ele olha para tudo meio amedrontado; em contrapartida, o monge mais velho, William de Baskerville, é um personagem que busca o conhecimento, a liberdade e a verdade.

Ele acaba por representar a luta contra a opressão do pensamento crítico, desafiando a censura e os dogmas da Igreja; está encantado e não para de tocar e ler várias daquelas relíquias. A cena me mostra que a biblioteca, com seus livros proibidos, é um campo de batalhas entre a censura, o medo, mas também coloca as frestas libertárias da potência que o conhecimento aflora nos sujeitos que a ele têm acesso, dando-lhes autonomia e liberdade.

Figura 4 – *Anne com E*

Fonte: Anne com E (2017, segunda temporada, episódio 1, 00:24:26).

Nas duas obras literárias e cinematográficas anteriores, o espaço de leitura era a biblioteca, cada uma com sua especificidade, de acordo com seu contexto social e histórico. Em *Anne com E*, não temos esse espaço institucionalizado, oficial, pois o pequeno vilarejo onde a personagem principal – Anne – vivia não tinha espaço próprio como a biblioteca. Existia uma pequena escola multisseriada, mas não uma biblioteca formal. Então Anne cria um refúgio próprio, para que, ali, consiga escrever e ler suas histórias e dar asas à sua imaginação e à de suas amigas. Na Figura 4, observamos um desses momentos de encontro, discussões e de criatividade e da criação do conto do livro.

Anne usa os livros como um refúgio para conseguir lidar com os desafios e traumas que enfrentou em sua vida antes de ser adotada. Portanto, os livros, a leitura e a escrita permitem que ela seja mais resiliente, trazem conforto, o que lhe permite imaginar mundos melhores.

Figura 5 – *Anne com E*

Fonte: Anne com E (2017, segunda temporada, episódio 7, 00:04:23).

O espaço que Anne cria também fomenta a conexão social e inclusão. Como mostra a Figura 5, Anne traz para seu espaço seus amigos mais próximos, ela cria laços e fortalece relacionamentos ao compartilhar sua paixão pelos livros com seus amigos colegas. E, ali, nesse

espaço, acontecem conversas, leituras, práticas de escritas da palavra literária e, posteriormente, o compartilhamento desses escritos com uma leitura apaixonada e apaixonante. A personagem Anne tem uma relação muito forte com as palavras; é por meio delas que ela consegue sobreviver ao contexto de escassez (em vários sentidos) em que vive desde muito pequena. E os personagens criados por ela e compartilhados nesse espaço tão especial, justamente por ser tão rico em momentos de trocas, expressam o que Augusto Ponzio (2008, p. 59) afirma acerca da relação autor-personagem num sentido mais filosófico: “A relação autor-personagem, isto é, forma-conteúdo, constitui a relação da palavra literária com a palavra da vida, concreta, da forma artística com os conteúdos da vida social, do valor estético com os valores extra-estéticos”.

No caso de Anne, vemos muito forte essa relação da vida com a literatura, daquilo que é de personagens com aquilo que é de sujeitos reais, daquilo que é do imaginado com aquilo que é vivido. Essa relação, tanto na obra literária quanto na obra cinematográfica que narram a história de Anne, fica evidente e nos mostra que é justamente essa a força dessa personagem tão sofrida e tão potente ao mesmo tempo.

Aqui, iremos focar nas obras cinematográficas e em como elas representam as salas de leituras e/ou bibliotecas. Começamos com o filme *O menino que descobriu o vento*, de 2019, que foi dirigido e roteirizado por Chiwetel Ejiofor (pai de William no filme). Nas imagens a seguir (Figura 6), vemos o primeiro contato que William tem com a biblioteca. O primeiro contato dele com diversos livros, muitos deles em língua inglesa, língua essa que William compreende.

Figura 6 – *O menino que descobriu o vento*



Fonte: *O menino que descobriu o vento* (2019, 00:43:46 – 00:45:41).

Na versão fílmica do livro, mesmo sendo uma linguagem diferente da literária, eles conseguiram trazer a percepção que William estava tendo naquele momento, de como ele ficou tão envolvido com os livros que ficou horas ali e nem percebeu o tempo passar.

A biblioteca, portanto, dá a William um método de autoaprendizagem que lhe permite aprender de forma independente e encontrar soluções para os problemas que a comunidade enfrenta. Os sujeitos precisam ter essa autonomia intelectual para se empoderar, especialmente quando não há muitos recursos disponíveis.

No artigo “Leitura como fator decisivo para realização da autonomia intelectual”, Maria Cristina Antunes afirma que:

Em diferentes pesquisas já realizadas, constatou-se que a leitura permite o desenvolvimento da autonomia humana, da percepção crítica, interpretação, compreensão, construção e reconstrução, além de proporcionar um vocabulário mais rico melhorando a escrita e a sua dicção ao falar. (Antunes, 2010, p. 3).

A autora acrescenta, ainda, que: “Se a leitura faz com que as pessoas sejam pesquisadoras, auxiliando na formação de cidadãos críticos e atuantes perante a sociedade, ela contribui para a realização da autonomia intelectual, que é tão almejada pelo ser humano da atualidade” (Antunes, 2010, p. 5).

3 ESPAÇOS DE LEITURA: ENTRE FRESTAS LIBERTÁRIAS E ARENAS DE PODER

Os espaços de leitura e as bibliotecas tem um papel muito importante na formação cultural e intelectual nas sociedades. Esses espaços, que são vistos como casas dos conhecimento e liberdade, também podem ser arenas de poder e controle.

As bibliotecas nos últimos séculos têm sido reconhecidas como espaços de liberdade, pois oferecem acesso gratuito ao conhecimento, fomentando a inclusão social. As bibliotecas públicas oferecem uma variedade de livros, revistas, jornais e recursos digitais, permitindo que todas as idades e origens tenham acesso a esse acervo.

Compreendo sua importância para a sociedade, a Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas (IFLA) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), em 1994, criaram e aprovaram o Manifesto da IFLA-Unesco sobre Bibliotecas Públicas. Esse manifesto teve atualizações conforme os anos passam e a mais recente foi em 2022, mas continua com tema central que explica que a biblioteca pública ainda é a porta de acesso ao conhecimento e fornece condições para a aprendizagem ao longo da vida, tomada de decisão independente e o desenvolvimento cultural (IFLA-Unesco, 2022).

As bibliotecas incentivam a autonomia intelectual, portanto, permitem que os usuários explorem os temas de interesse e desenvolvam pensamento crítico. O Manifesto da IFLA-Unesco sobre Bibliotecas Públicas (2022) também relata que: “A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como do acesso livre e irrestrito ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação” (IFLA-Unesco, 2022, p. 1). Portanto, para o desenvolvimento da democracia, é necessário o livre acesso ao conhecimento e as bibliotecas desempenham esse papel na sociedade.

Um papel fundamental que as bibliotecas têm na sociedade é seu valor de inclusão social, pois nelas os espaços de leituras são acessíveis a todos. Algumas bibliotecas têm atividades culturais, promovem a inclusão e a diversidade. O Ministério da Cultura, que fica responsável pela Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e que coordena todas as bibliotecas públicas brasileiras, afirma que a biblioteca pública atende “a todos os públicos, bebês, crianças, jovens, adultos, pessoas da melhor idade e pessoas com deficiência” (Brasil, 2024).

Mesmo a biblioteca tendo um papel libertário, elas também podem servir como arenas de poder, onde várias formas de controle são exercidas. Podemos observar isso com relação à seleção de materiais e livros, que pode refletir agendas ideológicas e políticas. Países

autoritários frequentemente enfrentam censura e controle sobre os materiais, o que limita o acesso a informações que são consideradas subversivas.

Infelizmente, nos últimos dias, o Brasil vem enfrentando censura com relação a livros. Tivemos, em 2019, na Bienal do Rio, um dos maiores eventos literários e culturais do Brasil, uma censura por parte do então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, em que ele mandou retirar do evento a história em quadrinhos *Vingadores: Cruzada das Crianças*, pois no quadrinho tinha uma cena de beijo gay. A decisão foi derrubada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), pois, segundo eles, a prefeitura sequer tinha poder jurídico para isso.

E neste ano de 2024, a censura continua. Há poucos dias, tivemos a retirada do livro *O menino Marrom*, de Ziraldo, que conta a história de amizade de dois meninos – um preto e outro branco – na rede municipal de ensino de Conselheiro Lafaiete, em Minas Gerais. Assim como a obra *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, na cidade de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. O livro faz uma crítica profunda sobre o racismo que existe no Brasil. Também tivemos a obra *Meninas Sonhadoras, Mulheres Cientistas*, de Flávia Martins, que foi retirada da rede municipal de ensino da cidade de São José dos Campos, em São Paulo. Em Chapecó, em Santa Catarina, o livro *Não alimente a escritora*, escritora por Telma Sherer (2022), também foi retirado de atividades escolares em escola pública a pedido de pais.

Essas são as obras mais recentes de que temos notícias que sofreram censuras e foram retiradas, tendo como temas o empoderamento feminino e críticas ao racismo. São temas que devem ser discutidos, mas, mesmo assim, sofrem censura por parte da agenda política que o Brasil enfrenta nesse momento. Mesmo assim, vemos resistência à censura, seja no Brasil, seja fora dele. Em março de 2024, as Organizações internacionais de autores, editores, livreiros e bibliotecas elaboraram um manifesto internacional sobre a liberdade de expressão e as liberdades de publicação e leitura que pedem que a liberdade de expressão seja respeitada.

Um ponto importante que deve ser lembrado é de que as políticas públicas e as decisões do governo afetam o funcionamento e autonomia das bibliotecas, os cortes de financiamento são frequentemente resultados de políticas de austeridade econômica, o que limita os recursos e a capacidade das bibliotecas de atender suas comunidades. No Brasil, segundo a reportagem da CNN Brasil (Freua, 2022), tivemos o fechamento de 764 bibliotecas públicas entre os anos de 2015 e 2020; isso reflete a escolha de desvalorização desse espaço no jogo com outras prioridades estabelecidas na agenda política do país.

As bibliotecas e os locais de leitura são essenciais para promover a liberdade intelectual e a inclusão social. Porém, devemos reconhecer e enfrentar as dinâmicas de poder que tentam impedir esse espaço. A preservação e o fortalecimento como espaços democráticos de

conhecimento continuam sendo de vital importância para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Esse tipo de embate nos assusta, nos assombra, muitas vezes, como professoras nos entristece e nos paralisa. Mas fico sempre pensando no seguinte, a partir de Bakhtin: toda palavra é já uma resposta. Portanto, se existe uma preocupação tão forte com relação aos livros e aos seus conteúdos, se há forças centrípetas (que tentam jogar os sentidos para um único centro de valor) lutando tão fortemente contra o livro e contra a literatura de modo geral é porque essas forças conhecem muito bem a potência que o livro, a literatura e a biblioteca, por sua vez, têm. A própria força opressora está assinando embaixo de que a biblioteca é um lugar perigoso para quem quer sair daquilo que foi estritamente programada para seguir pelo mercado. A biblioteca tem tanta força justamente por comportar os livros, que contêm, em seu interior, forças centrífugas (que jogam os sentidos para diferentes centros de valores) e, justamente por isso, ampliam a capacidade de compreensão, a capacidade de responder fortemente do lugar que ocupa em sociedade. A biblioteca tem tanta força e é, portanto, uma grande fresta libertária, porque liberta o sujeito a responder ao mundo e a todas as suas opressões com a sua própria palavra.

4 ESPAÇOS DE PODER, DE LUTAS E RESISTÊNCIA

As bibliotecas são espaços essenciais para a formação cultural e intelectual nas sociedades, devem ser um espaço democrático e de fácil acesso a todos sem restrições de idade. As bibliotecas eram as guardiãs das histórias e conhecimentos de seu povo, toda a produção intelectual de um povo se encontrava lá e por isso, em caso de guerras de destruição das bibliotecas, não se preocupasse com a perda material, mas com a parte histórica, e até mesmo a identidade daquele povo que estava toda armazenada naquele local. Portanto, todo o conhecimento da humanidade ao longo dos séculos se encontra preservado nesses espaços e ter acesso a eles, ao conhecimento, é instrumento de poder coletivo e individual.

A biblioteca do Congresso em Washington é um exemplo do que um país com poder e dinheiro consegue, pois eles têm um acervo gigantesco do trabalho intelectual da humanidade, assim como outras grandes potências mundiais, onde se tem recursos financeiros para investir nas bibliotecas. Mas nos países mais pobres, que em muitas ocasiões foram explorados por países ricos, encontrar livros ainda é algo raro, e muito caro. Sendo assim, as bibliotecas podem tanto promover a inclusão quanto o contrário. As políticas de aquisição de livros, a disponibilidade de obras, podem ajudar com mitigar a desigualdade ou a perpetuá-la, como vimos anteriormente, com a retirada de livros que falam sobre o racismo, o empoderamento feminismo, a sexualidade.

As bibliotecas da Idade Média, onde se passa a história do livro *O nome da rosa*, de Eco (2022), era algo sagrado e de acesso muito limitado. Em um certo momento da história, o noviço Melk começa se questionar com relação à biblioteca:

Estavam produzindo novos livros, iguais aqueles que o tempo depois destruiria inexoravelmente... Portanto, a biblioteca não podia ser ameaçada por nenhuma força terrena, pois era uma coisa viva... Mas, se era viva, porque não devia abrir-se ao risco do conhecimento? [...] Senti-me confuso e temeroso de meus pensamentos. (Eco, 2022, p. 222).

Ele começa questionando que eles estavam produzindo livros que serão destruídos pelo tempo, mas que a produção de novos livros garantia que o conhecimento se perpetue. Portanto, para ele, a biblioteca é um ser vivo, pois ela é resiliente. Se elas estão vivas e são resilientes, por que não abrir o acesso a elas? Para Melk, essa questão era perigosa, pois foi educado para acreditar que conhecimento era perigoso, a não questionar. Após a Idade Média, as bibliotecas puderam ser espaços abertos e abraçaram a liberdade que o conhecimento proporciona.

As bibliotecas/salas de leitura também retratam a nossa sociedade, pois bibliotecas mais bem equipadas, com maior acervo, mais tecnologia, se encontram geralmente nos grandes centros, nas áreas mais ricas, em contraste com a falta de recursos das regiões mais pobres, refletindo e reforçando a disparidades na nossa sociedade. Ao longo do livro *O menino que descobriu o vento*, temos uma noção, pois no vilarejo onde William Kamkwamba morava existia apenas a biblioteca da escola particular e livros que advinham de doações, mas ao final do livro, quando William vai estudar em outra cidade, ele nos conta sobre o papel que a biblioteca teve em sua vida.

Depois de cinco anos de evasão, estava grato por estar na escola. No entanto, fiquei com saudades de casa e, sempre que isso acontecia, eu me escondia na biblioteca da escola, onde os livros enchiam fileiras e mais fileiras de prateleiras. Eu encontrava uma cadeira e estudava meus livros de geografia, estudos sociais, biologia e matemática. Eu me perdia na história na história americana e africana e nos mapas coloridos do mundo. Não importa quão estrangeiro e solitário fosse o mundo lá fora, os livros sempre me lembravam de casa, sentado sob a mangueira. (Kamkwamba; Mealer, 2021, p. 170).

A citação transmite a biblioteca como um lugar de refúgio, aprendizagem e também de conexão emocional. Ele encontrou naquele espaço um ambiente acolhedor e familiar, onde se refugiava e se reconectava com suas raízes pela leitura. A biblioteca deixa de ser apenas um lugar físico, de armazenamento de livros, para ser um espaço simbólico de liberdade. Os livros oferecem essa possibilidade de viajar por outros mundos, aprender histórias que até então era desconhecida e encontrar conforto em tudo isso. Portanto, a biblioteca para William é seu lugar seguro, refúgio emocional, onde encontra liberdade em explorar e voar entre o mundo do conhecimento e mesmo assim tem a sensação de estar em casa.

As bibliotecas comunitárias são uma forma de luta e resistência naquela população que na maioria das vezes se encontra em comunidades, lugares em que as pessoas não têm acesso ao livro e não tem uma biblioteca institucionalizada, mas elas criam esse espaço e ele acaba se tornando significativo para aquela população. Para Botelho (2010, p. 22-23), esses espaços têm como função social transformar as comunidades onde se encontram,

[...] quase sempre marcada pela violência, jovens envolvidos com drogas, desemprego, precariedade nos serviços de saúde, educação e cultura. Levar informação através do livro, da leitura e atividades culturais a essas comunidades marcadas por privações de todos os níveis, é apontar um caminho diferente à marginalidade. É contribuir para o desenvolvimento pessoal do indivíduo e de uma comunidade mais próxima da cidadania.

As bibliotecas são espaços de criação, fala, escrita, promovem a literatura, a cultura local, oferecem incentivo à leitura, trabalhos em grupos. Elas não são estáticas, devem estar sempre em movimento. Freire (2011, p. 33) se refere às bibliotecas populares como “como um centro de cultura e não como um depósito silencioso de livros”.

As bibliotecas também oferecem acesso a computadores e internet a áreas onde o acesso não chega ou a população não tem condições econômicas, oferecendo cursos, promovendo a inclusão digital e proporcionando oportunidades às populações mais vulneráveis. Portanto, as salas de leitura/bibliotecas lutam, resistem e persistem para contribuir as comunidades nas quais se encontram. Elas também são lugares de encontros de diferentes pontos de vistas, que coexistem e debatem, assumindo, assim, seu papel de defesa a liberdade do conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho pesquisei sobre como a literatura e a linguagem cinematográficas expressam e mostram as salas de leitura/bibliotecas em diferentes tempos. A arenas de poder, lutas e resistências que elas enfrentam há séculos. E mesmo com o passar do tempo, algumas dificuldades ainda persistem, mas o mais importante é que elas persistem e nos mostram a sua importância ao longo do tempo.

Anne de Green Gables mostra, de maneira inspiradora, como os espaços de leituras podem mudar vidas, oferecendo refúgio, informações e conexão. A história contada por Anne nos recorda da importância de promover e preservar essas áreas em nossas comunidades, oferecendo a todos a chance de experimentar o poder transformador da leitura.

William é inspirado a pensar de maneira criativa e a acreditar em sua capacidade de fazer mudanças significativas depois que passou horas dentro da biblioteca lendo. Essas obras literárias e cinematográficas nos mostram que as bibliotecas não são apenas guardiãs e fornecedoras de informações, mas são também berço de sementes que inspiram e alimentam a imaginação, permitindo que leitores de todas as idades sonhem com novas possibilidades e oportunidades. “Portanto, se o livro, através da leitura, difunde a cultura, o conhecimento, promove pesquisa, gera transformação social e oferta melhor qualidade de vida, logo, a leitura é uma prática que promove os ideais dos direitos humanos” (Medeiros; Santos; Bonfim, 2016, p. 21).

São também arena de disputas, em que os jogos ideológicos se dão, em que as forças que querem levar os sentidos para um único centro de valor se entrecruzam com as forças que querem mostrar que os sentidos têm vários centros de valores. Essa luta é vital e, enquanto houver as frestas libertárias, as bibliotecas serão também lugar de construção e de reprodução de uma outra palavra e de um outro jeito de olhar para o mundo.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA SENADO. **Lei que cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares é sancionada**. Brasília, 9 abr. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/04/09/lei-que-cria-o-sistema-nacional-de-bibliotecas-escolares-e-sancionada>. Acesso em: 4 jul. 2024.
- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo, SP: Contexto, 2006. p. 95-114.
- ANNE COM E. Direção de Niki Caro *et al.* Ontário: Netflix, 2017. 1 série, 3 temporadas, son., color. Disponível em: <https://www.netflix.com/br-en/title/80136311>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- ANTUNES, Maria Cristina. Leitura como fator decisivo para realização da autonomia intelectual. **Revista de Educação do Ideau**, Getúlio Vargas, v. 5, n. 10, p. 1-12, jan./jun. 2010. Disponível em: https://www.getulio.ideau.com.br/wp-content/files_mf/46c79b16b8c3bc9c1968724fbfd5565b205_1.pdf. Acesso em: 25 jun. 2024.
- ARENA, Dagoberto Buim. Alunos, professores e bibliotecários: uma rede a ser construída. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 29, n. 57, p. 10-17, 2011. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ltp/v29n57/v29n57a04.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: A estilística**. São Paulo, SP: 34, 2015.
- BARBOSA, Marina. Receita defende taxaço de livros sob argumento de que pobres não leem. **Correio Braziliense**, Brasília, 7 abr. 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/economia/2021/04/4916782-receita-defende-taxacao-de-livros-sob-argumento-de-que-pobres-nao-leem.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.
- BOTELHO, Cristian do Nascimento. **A formação do bibliotecário e as bibliotecas comunitárias**. 2010. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Bibliotecas Públicas do Brasil**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/sistema-nacional-de-bibliotecas-publicas-snbp/informacoes-das-bibliotecas-publicas-1>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 13.696, de 12 de julho de 2018**. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113696.htm#:~:text=1%C2%BA%20Fica%20institu%C3%ADda%20a%20Pol%C3%ADtica,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico. Acesso em: 3 jul. 2024.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. São Paulo, SP: Duas Cidades, 2011.

DELCOLLI, Caio. O que explica a recente onda de censura a livros no Brasil e no mundo? **Revista Galileu**, São Paulo, 24 fev. 2024. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2024/02/o-que-explica-a-recente-onda-de-censura-a-livros-no-brasil-e-no-mundo.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 20. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2022.

EDITORA WISH. **Quem foi L.M. Montgomery, autora de Anne de Green Gables**. 7 dez. 2022. Disponível em: <https://www.editorawish.com.br/blogs/novidades/quem-foi-l-m-montgomery-autora-de-anne-de-green-gables>. Acesso em: 29 abr. 2024.

EXCELSIOR. **Anne de Green Gables**. 2020. Disponível em: <https://www.editoraexcelsior.com.br/anne-de-green-gables>. Acesso em: 10 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011.

FREUA, Salma. Quase 800 bibliotecas públicas foram fechadas no Brasil em cinco anos. **CNN Brasil**, São Paulo, 17 jul. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/quase-800-bibliotecas-publicas-foram-fechadas-no-brasil-em-cinco-anos/>. Acesso em: 24 jul. 2022.

FUNDAÇÃO VERDE. **Coletores de lixo criam biblioteca**. 5 jan. 2022. Disponível em: <https://fundacaoverde.org.br/coletores-de-lixo-criam-biblioteca-comunitaria-com-milhares-de-livros-encontrados-nas-ruas/#:~:text=Um%20grupo%20de%20coletores%20de%20lixo%20de%20Ancara%2C,est%C3%A3o%20dispon%C3%ADveis%20para%20uso%20gratuito%20entre%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 4 jul. 2024.

GERALDI, João Wanderley. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In*: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (org.). **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2012. p. 19-55.

KAMKWAMBA, William; MEALER, Bryan. **O menino que descobriu o vento**. Jandira, SP: Principis, 2021.

IFLA-UNESCO. **Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022**. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6247>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MÃE, Valter Hugo. **Conto de cães e maus lobos**. São Paulo, SP: Globo, 2015.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo, SP: Ática, 2003.

MEDEIROS, Ana Lúcia Gonçalves; SANTOS, Sérgio Pizzot Rodrigues dos; BONFIM, Alexandre Maia do. A leitura como direito humano: uma reflexão de como a leitura é indispensável à liberdade. **Dignidade Re-Vista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 18-26, jun. 2016.

Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/dignidaderevista/article/view/199>. Acesso em: 11 dez. 2023.

MILANESI, Luiz. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê, 2013.

MONTGOMERY, Lucy Maud. **Anne de Green Gables**. Jandira, SP: Principis, 2021.

NILHA, Orlando. **Carolina**: Carolina Maria de Jesus. Campinas, SP: Mostarda, 2019.

O GLOBO. **Machado, Ziraldo, Jeferson Tenório: lista de autores já censurados no Brasil inclui grandes nomes da literatura**. Rio de Janeiro, 20 jun. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/06/20/machado-ziraldo-jeferson-tenorio-lista-de-livros-ja-censurados-no-brasil-inclui-classicos-da-literatura.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2024.

O MENINO que descobriu o vento. Direção de Chiwetel Ejiofor. Londres: Netflix, 2019. 1 filme (113 min), son., color. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80200047>. Acesso em: 30 maio 2024.

O NOME da rosa. Direção de Jean-Jacques Annaud. Roma: Cinecittà, 1986. 1 filme (126 min), son., color. Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/O-Nome-da-Rosa/002UJCXINJNRI2NB1B7VXZBXXD>. Acesso em: 20 jun. 2024.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

RAMALHETE, Mariana Passos; STEN, Samira da Costa. Crítica ao eterno feminino em *Anne de Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, v. 8, n. 16, p. 432-443, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v8i16>. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/10301>. Acesso em: 10 out. 2022.

RAVELI, Nicoli. William Lamkwamb, o jovem que revolucionou o estilo de vida de seu vilarejo com as próprias mãos. **Revista Aventuras na História**, 2 abr. 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/william-kamkwamba-o-menino-que-revolucionou-o-seu-vilarejo-ao-construir-um-moinho-de-vento.phtml>. Acesso em: 11 out. 2022.

SALVÁ, Camila. Entre a ciência e religião: o nome da rosa, de Umberto Eco. **Instituto Ling**, 2021. Disponível em: <https://institutoling.org.br/index.php/explore/entre-ciencia-e-religiao-o-nome-da-rosa-de-umberto-eco>. Acesso em: 12 out. 2022.

SILVA, Maria de Lourdes Trajano da *et al.* Literatura com forma de compreender a vida, uma experiência vivenciada em sala de aula. *In*: ENID, 9.; ENFOPROF, 7., 2024, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande, PB: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/106452>. Acesso em: 4 jul. 2024.

SOUSA, Maria de Fátima da Conceição. **A biblioteca e o bibliotecário na era Antiga, na Idade Média e na Atualidade**. 2017. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em:

https://bdm.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/96/1/TCC_BibliotecaBibliotecarioEra.pdf. Acesso em: 4 jul. 2024.

UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia – Licenciatura**. Chapecó, SC: UFFS, 2019. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/ppc/cclpch/2019-0002>. Acesso em: 28 jun. 2022.